



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**JANAINA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA**

GOIÂNIA  
2021

**JANAINA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Prof<sup>ª</sup> Orientadora: Dra. Adriane Camillo Costa

GOIÂNIA  
2021

# JANAINA DE FÁTIMA SOARES DA SILVA

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Profa Orientadora: Dra Adriane Camilo Costa \_\_\_\_\_

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_ ( )

Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_ ( )

Profa Ma Raquia Rabelo Rogeri \_\_\_\_\_

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_ ( )

Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_ ( )

Nota Final: \_\_\_\_\_ ( )

Goiânia, 11/12/2021.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus filhos e meu esposo que sempre compreenderam minha ausência nesse período de estudo, sempre me incentivaram, minha mãe que sempre sonhou com essa graduação, e orou incansavelmente pela minha felicidade, e também em especial a um grande amigo José Antônio Lobo Filho, que sempre foi e é um grande incentivador na minha carreira pessoal e também profissional, foi através dele que tive a decisão de voltar a estudar e realizar essa graduação, inclusive me auxiliando na escolha do curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a Deus por toda a força e proteção dada na minha trajetória na acadêmica e também em na minha vida, agradeço imensamente a Professora: Adriane Camillo, pela paciência e esforço comigo nessa trajetória desafiadora, e em especial e com muita gratidão ao Professor Renato, que foi muito importante no momento que quis desistir do curso, foi em um diálogo realizado com ele, quando quis desistir da graduação que abrir meus olhos e valorizei a oportunidade de estar cursando Pedagogia, mesmo não sendo de fato o que idealizei para minha carreira profissional, Professor Renato com toda sua gentileza e sabedoria me fez compreender a essência de valorizarmos cada detalhe de nosso trajetória sem abrir mãos dos meus reais sonhos.

*Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos.*

Augusto Cury

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 9  |
| CAPÍTULO I .....  | 11 |
| CONCEITOS IMPORTANTES: AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO .....   | 11 |
| 1.1 Como se constitui o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, tendo a contação de histórias como mediadora?..... | 14 |
| CAPÍTULO 2.....   | 17 |
| A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DA CRIANÇA.   | 17 |
| CAPÍTULO 3.....   | 23 |
| CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....  | 23 |
| 3.1 – A Contação de Histórias como promotora da leitura e escrita .....   | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 28 |
| REFERÊNCIAS.....  | 30 |

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como tema: A contação de história na educação infantil, em primeiro momento foi feita uma pesquisa bibliográfica, com levantamento de autores e textos que tinham ligação com o assunto pesquisado, com base nas leituras e no interesse do tema proposto. A pesquisa foi de cunho quantitativo bibliográfico, onde busquei alcançar os objetivos desejados em relação à temática escolhida, objetivos esses que foram pensados em como melhor propiciar a aquisição da leitura e escrita na educação Infantil. Estudando os teóricos que deram sustentação à pesquisa entendo que a importância da contação de histórias para crianças na instituição escolar não pode ser considerada no singular, mas no plural. Pois a contação de histórias como estratégia pedagógica tem mais de uma importância, e sim importâncias para compreender o mundo, a sociedade, as culturas e se perceber como sujeito de direitos e deveres numa sociedade de seu tempo, construída por outros tempos e pela diversidade humana.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Contação de História, Leitura, Cultura.



## INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, buscou por meio de uma investigação bibliográfica compreender se há benefícios na ação de contar histórias para crianças que frequentam uma instituição de educação infantil, ou que atenda essa etapa de educação, e se sim, como pode proporcionar o desenvolvimento de aquisição de novas linguagens e escritas.

A investigação buscou nos documentos que norteiam a Educação Infantil, nas disciplinas e estágios realizados durante o curso de graduação em Pedagogia, aspirando, como futura pedagoga, compreender como melhor mediar o trabalho na Educação Infantil e pelo desejo de aprimorar cada vez mais os estudos sobre a contação de histórias para crianças pequenas.

Também em identificar plausíveis práticas educativas a serem propostas no desenvolvimento de linguagens e conhecimentos de possíveis novas escritas por meio de recursos literários que a contação de histórias permite propor. A pesquisa foi motivada por acreditar na relevância para minha formação como pedagoga e contribuir para quem mais se interessar na temática.

Na convicção de que contar histórias como didática na Educação Infantil tem influência no desenvolvimento cognitivo das crianças, ressalto que os educadores tenham a possibilidade de buscar pelo desenvolvimento da leitura e escrita numa perspectiva mais ampla, incluindo a social, cultural e ética. Criando assim atividades com momentos agradáveis e confortáveis para o bom desenvolvimento de todos que estão inseridos naquele momento. Foi nessa crença que o referido trabalho foi desenvolvido, investigando a tese que me motivou a busca em aprimorar e enriquecer práticas docentes. A pesquisa foi, então, guiada pela pergunta: É possível trabalhar na Educação Infantil a contação de histórias, como promotora de leituras e da escrita?

A investigação teve como objetivo principal compreender as possibilidades da contação de histórias como promotora do interesse pelas diferentes formas de leituras e escrita na Educação Infantil, amparada pela busca em evidenciar a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da linguagem escrita; entender o potencial da contação

de histórias como organizadora de ideias; compreender como a contação de histórias faz parte das leituras não convencionais; e conhecer como acontece a apropriação cultural por meio da contação de histórias.

O resultado da pesquisa está consolidado neste material em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta conceitos que foram importantes compreender para a investigação, saber mais sobre aquisição de linguagem, alfabetização e letramento foi imprescindível na compreensão da relação de contar, elaborar e introjetar histórias. No segundo capítulo, em diálogo direto com os conceitos apreendidos discuto sobre a importância de inserir a história considerando a narrativa bem construída no trabalho pedagógico com as crianças. No último capítulo abordo como contar histórias para crianças pequenas, as possibilidades e já indicando para os achados da pesquisa.

## **CAPÍTULO I**

### **CONCEITOS IMPORTANTES: AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessário a compreensão de alguns conceitos de maneira mais aprofundada para melhor compreender os caminhos que deveria traçar para alcançar o objetivo geral: investigar as contribuições que a contação de histórias proporciona para a Educação Infantil no desenvolvimento das linguagens.

Nesta perspectiva, foi necessário também delimitar alguns pontos para que a pesquisa não perdesse o foco, como: a faixa etária dentro do universo da Educação Infantil, e as fronteiras e coerências em trabalhar com o desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil.

A investigação focou nas histórias para crianças da faixa etária de cinco a seis anos de idade, com a esperança de melhor compreender a contação de histórias como prática metodológica para o letramento e a alfabetização.

É importante salientar que o conceito de alfabetização mudou nas últimas décadas e que não é visto apenas como o processo de decodificação da escrita e sim como compreensão sistematizada de tudo que está oculto na escrita, ou seja, é a compreensão além do texto decodificado.

Pensar na aquisição da linguagem e escrita foi fundamental para compreender o processo cognitivo que a contação de histórias pode promover. Já que a aquisição da linguagem e escrita supera os atos de ler e escrever, pois é um movimento de desdobramento da criança na intenção de tornar compreensível aquilo que não está explícito no texto escrito, ou seja, é compreender o sentido que está oculto entre as palavras. Um dos processos dessa aquisição é a alfabetização, de acordo com Morais e Albuquerque,

Alfabetização é o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Estar alfabetizado é ler e compreender os sentidos expostos entre linhas; é conhecer e identificar os códigos linguísticos que estão em nossa volta; é apropriar-se da função social que é o ato de ler e, também, escrever; é utilizar de ambos, ler e compreender, no seu cotidiano com propriedade, sendo capaz de decodificar informações tendo compreensão do que se lê; é ir além do que os olhos podem enxergar; é decifrar o imaginário das palavras e, conseqüentemente, compreender com autonomia o significado das palavras escritas; é ampliar a cultura por meio da escrita e leitura; é ter autonomia possibilitando caminhos para o senso crítico, pois é por meio da compreensão adequada das palavras que acontece a capacidade de utilizar-se delas com autonomia.

O conceito ampliado de alfabetização que trago para essa pesquisa considera a etapa da educação infantil na qual a criança está no processo de compreensão do mundo, em associar o nome das coisas (objetos, seres, sentimentos, etc.) e abstrair o conhecimento associando as informações na construção de novos saberes.

Sobre a relação entre leitura e escrita abonada pela alfabetização, Soares elucida que

O surgimento do termo *literacy* (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2011, p. 29).

Percebemos pelo exposto acima, a medida em que os estudos sobre as práticas sociais acontecem, novos conceitos surgem, pois, as sociedades mudam e se atualizam por meio de sua historicidade. Com as mudanças que ocorrem na sociedade, a aprendizagem de novas linguagens, novos símbolos e significados acontecem, e as questões intelectuais de escrita e fala estão atreladas a essas transformações. A criança está em movimento constante de aprendizagem.

Estar alfabetizado é ultrapassar os códigos escritos, é entender a função social que o ato de ler e escrever proporciona, é ter autonomia intelectual e visão social crítica, embasada na compreensão que vai além de decifrar códigos.

Para discutir a contação de histórias na educação infantil como potência para a alfabetização e letramento, o foco foi para a faixa etária de cinco a seis anos, pois é o período que a criança está iniciando a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Sobre essa transição não abordarei neste trabalho, porém é importante destacar que a discussão sobre alfabetização não está considerando que a criança na Educação Infantil deva ser alfabetizada no sentido de que a criança aprende a escrever palavras. O que foi considerado na pesquisa constituiu no potencial da contação de histórias na compreensão em ouvir, elaborar e contar narrativas no caminho para aprendizagens significativas.

Compreender que a alfabetização é necessária para pensar o desenvolvimento da criança na perspectiva de se tornar um cidadão crítico e ativo na sociedade, amplia a importância de perceber que estimular a curiosidade das crianças, desde seus primeiros anos de idade, é importante. Pois a cognição e as relações com o que vai sendo construído e apreendido sobre conceitos e narrativas possibilitam a criança inter-relacionar as aprendizagens mais recentes e as já consolidadas.

Sobre os processos de alfabetização e letramento a professora Magda Soares enfatiza que

A alfabetização, a aquisição da tecnologia da escrita, não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2020, p. 27).

O processo de letramento é de suma importância na Educação Infantil, pois é como se plantássemos árvores que precisam ser regadas cotidianamente para que cresçam saudáveis e dar “bons frutos”. A aquisição da linguagem e da escrita se constrói desde o início da vida, quando as palavras são ouvidas, repetidas e aprendidas, acontecendo as primeiras interpretações do mundo, da (s) cultura (s). É por meio das interpretações que a curiosidade em entender o mundo, as palavras e seus significados são aguçadas. Sobre letramento, Soares aponta que

É a capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, para informar ou informa -se, para interagir como outros, para imergir no imaginário [...] (SOARES, 2020 p.27).

Magda Soares (2020), em seu livro *Alfalettrar*, fala sobre aprendizagem e aquisição da linguagem e da escrita no processo de alfabetização Infantil e nos mostra também a diferenciação positiva entre linguagem escrita e seu real sentido para a vida social da criança.

A alfabetização não é aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam,

os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas (SOARES, 2020, p. 11)

Fonema é o estudo dos sons ou estudo dos sons da voz, ou seja, é som, emitido por cada letra, palavras, ou sílabas, cada seguimento sonoro representa uma imagem acústica do signo, ou seja, o seu significante. O entendimento dos sons da fala é importante na elaboração cognitiva da construção da palavra, sua extensão, entonação, etc.

A escrita é a representação quase que concreta dos sons e da fala (fonema). Alfabetização é compreender os sentidos do que se ouve e ver, vai além de uma simples memorização de algo, já o letramento é o sistema de habilidades e estratégias que usamos para a leitura e escrita, é compreender seu uso social, por exemplo: ler, interpretar e produzir textos com autonomia e visão crítica. Nesse sentido, acredito que a utilização da contação de história como método no processo de alfabetização, torna-se uma das formas assertivas de tornar nossas crianças em adultos mais perspicazes.

Na busca de melhor compreender o ensino, onde o ler e o escrever vai bem além do decodificar (ler) e codificar (escrever), onde ambos, ler e escrever constitui - se um ensino com a intenção de ir bem além do que “os olhos podem ver” e abrir os olhos para o prazer da compreensão do mundo por meio da escrita e assim, conseqüentemente, conquistar a autonomia de igualdade de direitos e possibilidades de compreensão do mundo, e poder agir com consciência neste mundo, atuando e o modificando.

### **1.1 A Contação de Histórias como Ferramenta Importante na Mediação da Leitura e Escrita na Educação Infantil**

A pesquisa investigou as possibilidades que a contação de histórias proporciona para Educação Infantil e suas contribuições no desenvolvimento das linguagens oral e escrita.

Desenvolver a pesquisa nessa temática deteve na confiança de que a contação de histórias também pode desencadear o desejo pela leitura e pela escrita, mesmo antes da alfabetização sistematizada. Pois, ao ouvirem histórias, as crianças podem recriar cenários imaginários, hipóteses e despertar a atenção e a interação com as histórias narradas. Podendo desenvolver novas habilidades de leituras e de escritas, mesmo que de formas não

convencionais, por meio de imaginação e criação. Paulo Freire (2005) afirma que a leitura do mundo antecede a da palavra, ou seja, desde que nascemos somos leitores do mundo, e nossas ações decorrem dessas leituras de mundo.

O processo da contação de histórias sempre esteve presente na sociedade e tem ganhado cada vez mais espaços na atualidade. Nesse sentido busco compreender como melhor utilizar a contação de histórias como instrumento mediador na aquisição da linguagem e escrita. Investigar esse tema suscitou da curiosidade de entender como a contação de histórias pode auxiliar de forma significativa no desenvolvimento da leitura e escrita.

É sabido que a contação de histórias desenvolve a atenção e a concentração das crianças, pois ao ouvirem a narração de uma história as crianças têm a oportunidade de desencadear novas experiências e sensações, como por exemplo: sentimentos de alegria, tristeza, medo, curiosidade, dentre outros; e a coerência dos acontecimentos narrados com início, desenvolvimento e arremate da narrativa são importantes, assim como se perceberes atores de suas próprias histórias.

A pesquisa considerou as concepções dos conceitos de criança e infância que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) apresentam. Coaduno que criança é

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2009, p. 12).

As crianças aprendem com as brincadeiras e interações que seu meio proporciona no dia a dia. A contação de histórias pode ser uma importante aliada no desenvolvimento das diversas linguagens infantis. Também pode-se possibilitar diversos laços afetivos e cognitivos, aguçando o apreço e a curiosidade por meio da ludicidade propiciada pela história contada.

A contação de histórias poderá nos auxiliar oferecendo possíveis pistas de como trabalhar as diversas formas de escrita e leitura na Educação Infantil. Aguçar a criatividade, a atenção e a interação por meio da contação de histórias fazem da narrativa uma possível e valiosa aliada no desenvolvimento intelectual e social, além de ajudar na percepção e construção de sua identidade. Abramovich diz que

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2009, p.19).

Quando a contação de histórias é trabalhada sistemática e periodicamente com as crianças pequenas, possibilita a elas oportunidades de melhor compreender, conhecer, e explorar o mundo ao seu redor, suas experiências e sensações poderão emergir com mais fluidez, dando lugar a possíveis novas aprendizagens, e como menciona Abramovich, sem a rigidez de aula, de obrigação. Aprender por meio da ludicidade e do prazer de ouvir e imaginar histórias contadas.

Castro (2005) profere que por meio de histórias descobrimos um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas, e é nessa perspectiva que a pesquisa foi embasada. Diante das possibilidades que a contação de histórias pode propiciar ao imaginário infantil como fonte de interesse aos livros e a compreensão do mundo literário. Justifico o tema da pesquisa por acreditar no favorecimento da contação de histórias para a aquisição de novas linguagens, desencadeando o interesse pela leitura e pela escrita com base na ludicidade, criatividade, interação e leitura de mundo.

No capítulo a seguir, trago os conceitos estudados para diálogos diretos com a importância de inserir a literatura e a contação de história no trabalho pedagógico com as crianças.



## **CAPÍTULO 2**

### **A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DA CRIANÇA**

Durante minha formação acadêmica, ainda está em curso, tenho realizado estudos de artigos, documentos e livros relacionados à contação de histórias e às práticas relacionadas à Educação Infantil, dentre eles destaco: Britto (1997), Abramovich (1997, 2006), Machado (2002), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), o ECA (1990) dentre outros que ao decorrer da pesquisa contribuíram para elaboração e compreensão da discussão desta monografia.

Os documentos educacionais oficiais evidenciam argumentos para os cuidados com o desenvolvimento social da criança, tão caro para o projeto de pesquisa no quesito compreender as concepções de criança e infância para a Educação Infantil. Dentre esses documentos, consideramos a Constituição Federal do Brasil de 1988, que evidencia em seu artigo 205 que a educação é direito de todos, apontando os deveres do Estado e da família para o desenvolvimento social da criança. A saber, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.123).

Outro documento importante considerar para essa pesquisa é o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990), documento que evidencia a garantia dos direitos a todas as crianças e adolescentes. Documento extremamente necessário e tardio, pois até o século XIX a criança era vista como um adulto em miniatura, com responsabilidades de realizar atividades semelhantes às de adultos, a sociedade não concebia as especificidades da faixa etária. Com a criação do ECA, a garantia dos direitos das crianças e adolescentes passa a ser realidade no país, dentre eles o direito à educação. Na promulgação do ECA, art. 54 inciso IV, está disposto que é dever do estado oferecer atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade, na etapa Educação Infantil.

No ano de 1996 é promulgada a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394), que garante a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica Nacional, tendo com objetivo principal o desenvolvimento integral da criança, o Art. 2º da LDB diz que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, p.8).

A LDB tem por finalidade estabelecer princípios morais e éticos para o desenvolvimento integral da criança até aos seis anos de idade, ou seja, nela encontramos vários aspectos que citam o dever do estado, da família e comunidade no cuidar da vida e educação da criança, aspectos esses no sentido: físicos, psicológicos, sociais e morais, dentre outros que garanta bom desenvolvimento social, moral e ético das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, de 2017 explana o conceito de Educação Infantil e mostra a importância de cada etapa para a formação social do sujeito. A BNCC evidencia e aponta os seis direitos de aprendizagens das crianças, que são eles: brincar, conviver, explorar, participar, expressa-se e conhecer-se. Com base nesses seis direitos, a utilização da contação de histórias, como estratégia para poderá favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento da criança na educação infantil. Além dos documentos oficiais, autores descrevem a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança. Abramovitch defende que “Contar História é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentindo, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.” (1997, p.18).

Nesta perspectiva, ressalto que a contação de histórias aponta ser de suma importância no desenvolvimento das crianças pequenas, pois - com base no estudado e exposto até aqui - permite ampliar a compreensão dos mundos interno e externo das crianças, com base na imaginação que a contação de histórias permite desenvolver por meio das narrativas de contos. Kato (1997) define a importância da contação de histórias ao dizer que:

Ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos. Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração

pela unidade e sequência do texto; associações convencionais que dirigem as nossas expectativas ao ouvir histórias; o papel esperado de um lobo, de um leão, de uma raposa, de um príncipe; delimitadores iniciais e finais ('era uma vez... e viveram felizes para sempre') e estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. Aprende pela experiência o som de um texto escrito lido em voz alta (BRITTO *apud* KATO, 1997, p.41).

Desse modo, entendemos que oferecer uma história contada à criança é permitir mais que um momento lúdico, prazeroso e descontraído. É promover a ludicidade, a arte, a sensibilidade, a estética, a ética como possíveis formas de ensinar a criança as possibilidades do olhar, compreender e perceber o mundo construindo suas próprias narrativas e identidades.

Em buscar das possibilidades em despertar a atenção para um acontecimento, a contação de histórias pode ser um interessante objeto mediador no processo de aquisição de novas experiências e linguagens, uma vez que, a essência da infância está diretamente ligada às brincadeiras. De acordo com Cristiane Velasco (2018, p.81), “as histórias nos fazem brincar de balanço, nos auxiliam nesse aprendizado profundo, são nutrientes da alma; a experiência de ouvir uma história pode nos fazer saltar, cada vez mais alto, para dentro de nós mesmo”.

Os primeiros anos de vida da criança compõem a fase de formação dos processos de desenvolvimento, tanto cognitivo como o afetivo e das múltiplas descobertas. A contação de histórias poderá auxiliar no processo de interação, imaginação, fantasia, experimentação, dentre outros desígnios a serem alcançados de forma lúdica, propiciando prazer e favorecendo estímulos para a aquisição da leitura e da escrita. O objeto que “guarda” a história: o livro, também poderá suscitar fantasias, criações e recontos da história a partir das ilustrações e suas interpretações.

Abramovich (2009) tece comentários plenos de significação, no sentido em que recorda sua iniciação à leitura e declara: “meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites antes de eu adormecer, como se fosse um ritual” (p.10).

Contar histórias para crianças na Educação Infantil não pode ser um ato esporádico e aleatório, mas por meio de um planejado sistematizado, que venha a desencadear curiosidades para um mundo de descobertas significativas que podem propiciar novos

conhecimentos e desenvolvimentos. De acordo com o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) educação infantil está definida como:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção (DCNEI, 2009, p. 12).

Entendemos que a contação de histórias é um procedimento de mão dupla, onde o ensinar e o aprender andam sempre juntos, uma vez, que ao possibilitamos a criança novas culturas, novos saberes também aprendemos com base nas experiências vivenciadas de cada criança inserida naquele determinado contexto. Nesse sentido deve-se trabalhar desde o nascimento da criança e sequentemente nos primeiros anos da Educação Infantil, toda sua cultura adquirida, uma vez que o currículo deve ser pensado com base na vivência e experiência das crianças, considerando seus saberes e suas experiências articulando com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, histórico, artístico, ambiental, científico e tecnológico da humanidade para promoção do desenvolvimento integral das crianças (DCNEI, 2009).

De acordo com Benjamim (1994), uma solução encontrada pelas comunidades antigas foi a transmissão oral, passado de geração em geração, informações para gerações mais novas, conhecimentos de crença, valores para sobrevivência do grupo. Na comunidade os contadores apresentavam fatos, histórias e mitos, lendas que mantinham viva a herança cultural passando também por experiências e sentimentos. Para Benjamim (1994), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pelas preservações dessas histórias e dessa arte.

A contação de história é de natureza espiritual, ética e existencial. Teve sua origem entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatium*”, que significa destino.

Assim, percebe-se que a origem da contação de histórias remota de tempos passados e muito significativa para a educação, constituição e manutenção de culturas e histórias dos povos. Deste modo, em seus primórdios, os contos contemplavam heróis e heroínas em

aventuras que já encantavam o público infantil, mas não só, ouvir histórias sempre encantou públicos de todas as idades.

Lajolo e Zilberman (2004), salientam que “as primeiras obras visando o público infantil, na Europa, apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII”. As autoras enfatizam ainda que, antes do século XVIII, apenas no período do classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobada como literatura também apropriada à infância. Histórias essas que receberam denominações como: “As fábulas de *La Fontana*; As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, os contos da Mamãe Gansa, cujo título original em Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou naquela época” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p. 15).

Conforme as narrativas descritas, percebe-se que ainda no século XVII a literatura, mais precisamente a narrativa para crianças começava a surgir. A partir deste marco outras histórias foram vinculadas ao itinerário da literatura infantil. Um fato curioso que chamou a atenção naquele século (XVII), é que Perrault atribuiu a autoria de sua obra a seu filho mais novo, o então adolescente Pierre *Darmancourt*, o que foi visto por muitos como algo sintomático e inexplicável.

Devido à grande repercussão de seus escritos para a literatura infantil, Perrault, passa a ser considerado um dos percussores de narrativas para crianças. Talvez por essa razão, suas histórias provocam uma preferência pelo conto de fadas que encanta e fascina desde aquela época até os dias atuais.

Conforme Lajolo e Zilberman (2004, 14),

o século XIX iniciou-se pela repetição dos caminhos bem sucedidos como: Os irmãos de Grimm, em 1812 que editaram a coleção de contos de fadas que, após o êxito obtido, converteu-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças, principalmente quando retratam estórias fantásticas, aventuras maravilhosas etc., portanto, o legado de autores que se firmou na segunda metade do século XIX consolidaram as narrativas para crianças em forma de belos e encantadores contos de fadas.

De acordo com Bettelheim (2003,15), “a maioria dos contos, especialmente os de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim, eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”. Ou seja, desde que é pautada as histórias para crianças, o teor religioso é abordado o que dimensiona o caráter moral dos valores dispostos no teor de cada história ou conto de fadas.

Como passar dos séculos passou-se a observar mais a essência dos contos em termos de contação de histórias infantis para enriquecer mais a aprendizagem. Assim, com os constantes avanços tecnológicos e científicos ocorridos na contemporaneidade, vê-se que os contos de fadas ganham essência a cada geração uma representatividade e significação própria da época e dos hábitos e costumes de uma sociedade. Em outras palavras, a contação de histórias configura a ideia de que a literatura para crianças pode assumir sentidos expressivos a aprendizagem das crianças, especialmente aquelas da educação infantil.

Com base no que pregam o surgimento da contação de histórias, pode-se citar que grandes autores como Monteiro Lobato escreveu para formação ideologia infantil e o seu objetivo era educar e divertir as crianças, juntando experiências de forma criativa com mitos e lendas regionais dando vida às suas fábulas, dialogando com uma realidade, facilitando a compreensão do mundo e de valores e convívio social. E também reforçando alguns já existentes.

A contação de histórias aborda apenas o belo, o mágico ou a boa fantasia, pode-se perceber que através dos mitos e das lendas outros “interesses” aparecem na intenção de explicar fenômenos naturais e dar sentidos as coisas do mundo, usando de histórias sobre deuses, heróis e personagens sobrenaturais. Enquanto que, as lendas são combinações com fatos reais e criações no intuito de explicar mistérios e acontecimentos (sobre)naturais, assim os dois formaram o folclore brasileiro, também presente na obra de Monteiro Lobato.

Na história da história contada passamos pela oralidade e pelo texto impresso. Igualmente importante é a história contada por meio de imagens. A literatura infantil impressa tem se mostrado preocupada, evidente que por meio de seus editores, com as ilustrações que são meios de contar história cada vez mais valorizada. Nos dias atuais temos ilustradores de livros infantis sofisticados e que não medem esforços em objetificar sua imaginação e criatividade. Nesse sentido, a história ganha mais recursos para chegar até o leitor ouvinte, que também passa a ser o leitor visual. As imagens são aliadas fiéis à contação da história.

Nesse sentido a Contação de histórias é um importante instrumento mediador na Educação Infantil, pois além de ser uma forma agradável e encantadora de ensino e aprendizagem ela contribuir de forma direta e assertiva na aquisição de novas linguagens na Educação Infantil.

No capítulo a seguir, discorro sobre as possibilidades em contar histórias para crianças pequenas, numa perspectiva dialógica, evitando qualquer tipo de receita em como, mas abrindo perspectivas de trabalhos pedagógicos.

### **CAPÍTULO 3**

#### **CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O capítulo anterior finaliza esboçando que a história tem diversas maneiras de ser contada, entre elas a oralidade, a leitura e as imagens. Todas com suas especificidades e atuação para chegar até os atores, leitores e ouvintes. Nesse sentido, é importante atentar para os variados instrumentos passíveis de fazer parte desse conjunto de possibilidades. O livro, a voz, os gestos, as “caras e bocas” a vestimenta, a música, um instrumento, etc. São diversos os recursos que podem contribuir para o envolvimento de todos.

Segundo Reame *et. al.*; (2013), os momentos das histórias são recebidos geralmente com grande encantamento pelas crianças; elas imaginam, sentem, criam significados, baseiam-se em outras realidades, outros mundos, outros momentos. Por isso, a atividade de leitura ou contação de histórias infantis em sala de aula para as crianças, como todas as ações didáticas na Educação Infantil, deve ser criteriosamente planejada pelo (a) professor (a). Face ao desenvolvimento desta ação, a voz é, sem dúvida, um dos recursos primordiais para esse feito.

Abramovich (2009) salienta que o primeiro contato da contação de histórias pela criança é feito em casa, geralmente pelos pais, ou pelos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas, etc. Com isso, ao chegar da escola, algumas crianças possuem o hábito de ouvir histórias. Entretanto é importante atentar para aquelas crianças não têm essa vivência em casa, pois estas podem ter maior dificuldades em compreender a estrutura de uma narrativa. Ou seja, o hábito de ouvir histórias faz com que a compreensão da estrutura da narrativa seja apropriada naturalmente.

Segundo Santos (2019), o envolvimento ao contar e ouvir histórias aproxima pais e filhos, avós, alunos e professores, e outros.

Ouvir e contar histórias no dia a dia não requer espaços especiais, espaços elaborados e destinados para tal. Porém, se é pretendido cultivar o hábito de contar e ouvir histórias na instituição de educação infantil, organizar um lugar especial, no qual os envolvidos possam ficar confortáveis para ouvir e se concentrar. Geralmente um espaço colorido, confortável e sem muito barulho externo.

Frente a isto, a voz passa a ser sem dúvidas, um dos principais instrumentos para quem conta a história. No ambiente escolar, o professor assume essa função e, como tal, utiliza sua voz para que ele possa passar o conhecimento, experiências e informações, trazendo prazer, interesse e compreensão pela leitura.

De acordo com Abramovich (2009) para que a história contada obtenha os resultados esperados, o professor deve narrar as palavras e, assim cria vida e sentidos à imaginação dos ouvintes. Logo, para que isso aconteça, o professor deve, ainda “expressar emoções e sentimentos, passar para o ouvinte o que a história conta, a expressão facial é importante porque quando o contador de história está contando algo triste é preciso está com a expressão facial triste” (GARCIA, 2003, p. 39).

Nesse contexto, as expressões faciais são indispensáveis, pois evidenciam as sensações pertinentes à história contada, aos personagens e às tensões da trama; o que auxilia na imaginação do ouvinte que complementa a história ouvida: os espaços, os elementos, a materialização imagética das personagens. O sentido e a emoção da história são construídos por cada um dos envolvidos, em um momento coletivo.

Para Faria (2012), o bom contador de histórias, que neste estudo se refere ao (à) professor (a), deve saber estabelecer os momentos da narrativa, em suas passagens, ou seja, desde as apresentações (tema, personagens, onde acontece, etc.) passando por toda a narrativa, evidenciando o ápice na história para finalizar.

Para Machado, Silva e Silva (2019), o professor pode ser um bom contador de histórias, se possuir a capacidade de transformar as palavras contidas no livro em um pequeno espetáculo, seria algo voltado ao conseguir trabalhar a comunicação, o diálogo, a atenção, a imaginação e a emoção, por meio do uso de técnicas como gestos, tom de voz,



expressão corporal, mímica, dança, enriquecendo ainda mais a narrativa e envolvendo as crianças, no caso específico da Educação Infantil.

Em relação a voz, Santos (2019) enfatiza que a mesma deve ser clara e agradável quanto à altura e volume, ao espaço, entonação e outros aspectos, buscando sempre aperfeiçoar a dicção de acordo com a história narrada.

Tendo por base os diferentes recursos que são usados pelo professor da Educação Infantil na sala de aula, o corpo e entonação de voz devem ser considerados importantes para cada personagem, além o sussurro, as pausas, o silêncio e a clareza na pronúncia, o olhar, os gestos, são fundamentais para transmitir a realidade da história e o meio de comunicação entre o contador e o ouvinte.

Um exemplo claro do uso da imaginação e da emoção é quando o professor faz uso de dramatizações no decorrer da história que é contada, ou seja, o uso de fantoches ou até mesmo de avental com personagens enriquece a contação da história e desperta sentimentos e emoções variados nas crianças. Nessa mesma propositura, as ações das personagens podem ser utilizadas como gestos características para marcar o espaço, a posição do corpo e indicação usamos o olhar (ABRAMOVICH, 2009).

Todavia, contar uma história dramaticamente deve ocorrer sem exageros, já que o exagero da teatralidade pode sacrificar o efeito da narrativa (SANTOS, 2019). Com isso, a dramatização deve ser usada sem exageros para que o objetivo da aula seja alcançado.

O método de contar e/ou recontar histórias pode ser compreendido ainda como um processo muito relevante para o desenvolvimento da linguagem oral, pois, imerso ao contexto lúdico a criança tende a desenvolver para a articulação de ideias, comunicação, expressão do pensamento, demonstrando desse modo, um discurso mais completo com um vocabulário melhor elaborado (MACHADO; DA SILVA; SILVA, 2021).

Interessante salientar ainda que, para que os professores possam despertar o interesse pela leitura deve ofertar a literatura infantil a partir dos recursos tecnológicos também, já que em dias de contemporaneidade prega-se uma nova visão formadora de leitores competentes, capazes de transitar pelos diferentes gêneros textuais (MACHADO; DA SILVA; SILVA, 2021). Portanto, a contação de histórias deve abranger diversas as formas de expressão seja: oral, escrita ou tecnológica.

### **3.1 – A Contação de Histórias como promotora da leitura e escrita**

Os contatos iniciais das crianças com a escrita e a leitura representam os primeiros passos para construção do conhecimento e descobertas do mundo em seu redor. Sendo assim, mesmo não sabendo ler, a contação de histórias é uma realidade cotidiana na Educação Infantil, pois elas irão desenvolver comportamentos e atitudes características de um leitor considerando a rotina de leitura criada em sala para as mesmas (PIMENTEL, 2017).

Como prática diária na sala de aula, a contação de histórias compreende ainda: “a articulação e o desenvolvimento de práticas Educativas que constituam experiências positivas nos sujeitos envolvidos naquele contexto são capazes de ativar o desejo, tanto de alunos quanto de educadores, em relação ao conteúdo mediador desta prática” (ALBANO, 2018, p. 41). Portanto, a contação de histórias como prática positiva, envolve a linguagem oral e também escrita em diferentes contextos e vivências no cotidiano da sala de aula.

Assim, contar histórias na Educação Infantil estimula o desejo pela leitura, instigando o (a) ouvinte e o (a) professor (a) a esta prática, revelando a contação enquanto uma ação mais do que lúdica, cujo o objetivo de ensinar e ao mesmo tempo ter entretenimento do público infantil, todavia um recurso didático e mediador de práticas educativas e que estimulam o desenvolvimento.

Um aspecto importante que se embute quando o assunto é a contação de histórias é o uso das ilustrações dos livros infantis no trabalho educativo despertando e promovendo aprendizagens e que podem ser usados de diferentes formas no contexto da Educação Infantil, principalmente quando o enfoque é o lúdico.

A partir disso, Faria (2012) afirma que o livro de literatura infantil não deve ser encarado como um simples objeto do mundo infantil, mas um recurso indispensável no processo de aquisição da linguagem oral e escrita por parte da criança, na medida que possibilita diferentes leituras e interpretações, além de servir para despertar variados conhecimentos, e instiga a criança no universo mágico da imaginação e do conhecimento.

Quando uma criança tem a oportunidade de ouvir ou até mesmo de ler uma história, começa a desenvolver habilidades como: questionar, comentar partilhar, associar, criando diálogos e rede de interpretações que evoluem conforme estímulos que a própria história

oferece, por isso, é importante que o contador da história seja criativo e dinâmico capaz de desenvolver as habilidades supracitadas, Segundo Souza e Bernardino

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. [...] assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber, desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer a maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (Souza e Bernardino 2011, p. 237).

Diante do exposto, a contação de histórias é um instrumento que implica diretamente no desenvolvimento infantil, promovendo desdobramentos que afetam o desenvolvimento criativo e de imaginação da criança, além disso deve ser observado que “A contação de histórias possibilita a interação social que se consolida na relação da criança com os outros sujeitos e com o mundo, propiciando a apropriação e construção de novos significados, ao ouvir narrativas infantis” (SILVA *et al.*, 2019, p. 8).

A partir do exposto, percebe-se que a interação social como um dos atributos que propicia aprendizagem significativa. Nesse sentido, o contar e ouvir contribuem para a construção de novos significados para a aprendizagem.

Para Dohme (2008), a contação de histórias requer tanto o uso da razão como da emoção, bem como exercita o raciocínio lógico na linguagem como a ordenação coerente das palavras e sucessão de fatos encadeados que compõem o enredo.

Contudo, para provocar emoções e encantamento na criança, ou ouvinte que aprecia a contação ou relato de histórias, o contador deve ter maior envolvimento na geração de imagens visuais e imagináveis para instigar a concentração e a criatividade das crianças.

Assim, o (a) professor (a) no papel de contador de histórias deve, dentre outras coisas, “potencializar a mensagem dando ênfase aos pontos que julgar mais importantes, ou que são interessantes para o momento comunicacional que está vivenciando, podendo fazer até suas complementações” (DOHME, 2008, p. 77). Sendo assim, a criatividade no momento de interagir com a história que é contada para as crianças faz toda a diferença.

Com base no que propõe a contação de história como promotora da leitura e escrita, nota-se que são muitas as possibilidades que o (a) professor (a) enquanto contador de história pode usar na sala de aula, ou seja, a criação de um espaço adequado, que pode contar com cenários, avental ou caixa da história, fantoches, livros imagéticos, dentre outros recursos.

A partir dessa organização, a leitura e a escrita podem ser trabalhadas de modo a contribuir para a aquisição de diferentes aprendizagens e linguagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a pesquisa com algumas certezas que se mostraram desafiadoras, pois se eu estava segura das minhas convicções, para quê pesquisar o tema? Este dilema fez com que eu entrasse em conflitos intelectuais que foram aos poucos se configurando em projeto daquilo que eu ‘ainda’ precisava compreender. Foi nesse dilema que percebi que minhas certezas residiam no meu senso comum por *achar* que o que eu estudei no curso se justificava por si só a contação de histórias com recurso didático. Foi na teimosia em tratar o tema: A contação de história na educação infantil e no percurso da escrita do projeto de pesquisa que entendi a importância da pesquisa científica na construção de uma hipótese e de buscar subsídios para sustentá-la.

Chego no final desse trabalho com a certeza de que a dúvida é o melhor caminho para o crescimento intelectual, e necessária para a atuação docente, porque são as incertezas que nos movem, são elas que nos fazem buscar caminhos melhores. A pesquisa de cunho bibliográfico ajudou-me a perceber a quantidade de produção sobre o fenômeno da contação de histórias que acompanha a humanidade desde tempos anteriores à escrita, e é por meio das histórias contadas que construímos nosso legado, ou seja, temos muito o que discutir sobre a oralidade.

A faixa etária escolhida para a pesquisa indica o quão é importante contar histórias para as crianças no intuito de que elas se percebam pertencentes ao mundo, às culturas nas quais fazem parte. É importante para a cultura humana, independente de época ou continente, as histórias contadas, as histórias ouvidas e as histórias registradas para a construção de saberes diversos e dentre eles a formação da própria identidade.

Os objetivos da pesquisa foram contemplados, todavia tenho muito a aprender sobre a contação de histórias na educação infantil evidenciando a alfabetização e o letramento. Uma história contada na forma sistematizada pode proporcionar às crianças imaginações nas quais o prazer em aprender fará parte desse mundo, o que evidencia a oportunidade de trabalhar na Educação Infantil argumentos que possam nos aproximar do mundo infantil e

trabalhar de forma harmoniosa e lúdica toda essência que traz a contação de história e assim mediar uma ação educativa prazerosa e significativa.

No finalizar da pesquisa, compreendi que a contação de histórias, como estratégia pedagógica, tem mais de uma importância, e sim importâncias para compreender o mundo, a sociedade, as culturas e se perceber como sujeito de direitos e deveres numa sociedade de seu tempo, construída por outros tempos e pela diversidade humana.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997 / 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, v..3, 1998.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394 de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 22 de abril de 2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8069/90**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 25 de abril de 2021.

BRASIL. Secretária de Educação Básica. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 19 de abril de 2021.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

DOHME, Vânia D' Ângela. **Comunicação & Encantamento. As histórias de fadas como mídia entre a realidade do mundo adulto e a realidade fantástica da criança**. In: Tese: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutorado em Comunicação e Semiótica. P. 1-200, São Paulo, 2008.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5ª ed., 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2012.

KATO, Mary Aizawa. **A concepção do sistema alfabético por crianças em idade pré – escolar**. A concepção da escrita pela criança. Campinas, Pontes, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

KATO, Mary Aizawa; MOREIRA, Nadja; TARALLO, Fernando. **Estudos em alfabetização**. Campinas, Edusf/Pontes, 1997.

LAJOLO, Maria. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: Histórias & Histórias**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento. Construir Notícias**. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

PIMENTAL, Juliana Helena Alvoeiro. (2017). **A importância das histórias no Pré-Escolar (Doctoral dissertation)**. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra, p.67. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/23129>. Acesso em nov. De 2021.

REAME, Eliane; RANIERI, Anna Claudia Meirelles Pereira; GOMES, Liliane; MONTENEGRO, Priscila. **Matemática no dia a dia da Educação infantil: rodas,**

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. 128 páginas

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Rita de Cassia Alves Lopes dos. **Reflexões sobre a arte de contar histórias**. Revista Educação Pública, v. 20. nº 5, 21 de abril de 2021. Disponível em: <https://edcacaopublica.cecierj.edu.br/artigo/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>.

SOUZA, L. O. de.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare – Revista de Educação**. 6(12), 235-249, 2011.

VELASCO, Cristiane. **Histórias de boca: O conto tradicional na educação infantil**. 1 ed. São Paulo: Panda Books, 2018.